

LEANDRO MAZZINI
COLUNA
ESPLANADA



ESQUECERAM DE MIM

■ Dos quase 300 réus que foram presos pelas fases da Operação Lava Jato de Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo, apenas o ex-governador carioca Sérgio Cabral continua na cadeia. Para o Ministério Público Federal, manter Cabral na cela é fundamental na guerra de bastidores com a Polícia Federal. Quem conhece o outro lado das portas aponta que os procuradores não engolem o fato de a PF fechar acordo de delação premiada – caso de Cabral – com aval do Supremo Tribunal Federal. O ex-governador teve seu acordo com a PF homologado pelo ministro Edson Fachin, do STF, há um ano. É o único colaborador da Lava Jato que ainda vê o café passar pelas grades toda manhã.

Café na mesa

■ Fernando Cavendish, da Delta, com muitos contratos fraudulentos – em especial no Rio – fechou delação com o MPF, foi condenado a 11 anos de prisão recentemente, e segue em prisão domiciliar.

Passou perto

■ Cabral, que chegou a ser cotado para vice na chapa de Dilma Rousseff, amarga por ora 17 condenações que somam mais de 300 anos de prisão nas costas.

Tô longe

■ Não havia confirmação até ontem à noite de que o presidente do DEM, ACM Neto, venha hoje à posse do ministro da Cidadania, João Roma (Repúblicanos), seu ex-chefe de gabinete na prefeitura de Salvador. Estão hoje como água e vinho.

Custo Castello

■ Há anos, nas mãos de diferentes presidentes da República, a Petrobras é a moeda eleitoral mais preciosa no cofre do Governo,

na política de controle de preços dos combustíveis (que por sua vez, claro, seguram a inflação). Desta vez, a conta no mercado chegará alta a médio prazo, porém tão forte como anteriores.

Custo Brasil

■ A Bovespa está registrando altas retiradas de capitais do Brasil desde a demissão do presidente da petroleira, Castello Branco, decidida pelo presidente Jair Bolsonaro. São multinacionais que confiaram no discurso de Bolsonaro, na sua passagem por Davos, sobre segurança jurídica e novos tempos sem ingerência na empresa de capital aberto.

Previsib....

■ Previsibilidade é uma palavra alheia ao vocabulário do dia a dia de Brasília, mas ao citá-la tanto nos últimos dias, Bolsonaro resgatou a figura de Aécio Neves. A palavra foi o mote da campanha derrotada do tucano contra Dilma Rousseff em 2014.

CARRO CHEFE



GERALDO MAGELA/ AGÊNCIA SENADO

■ A ministra Damara Alves montou o Grupo de Trabalho ministerial para análise da vindoura Política Nacional de Direitos Humanos. Será sua bandeira da gestão.

Ôh, dona Kátia!

■ Senadora que sugeriu medidas sanitárias no Senado, Katia Abreu colocou mais de 30 convidados dentro de uma sala de comissão, ontem, mesmo sob aviso da Polícia Legislativa sobre as restrições contra a pandemia. A turma prestigiou sua posse como presidente da Comissão de Relações Exteriores.

Os fiscais

■ Conhecido pelo discurso – e prática – de austeridade desde os tempos de deputado, o senador Reguffe vai comandar a Comissão de Fiscalização e Controle. O senador Marcos do Val será o vice. Ambos do Podemos.

Degradação

■ O centro antigo do Reci-

fe, dos mais históricos do País, está degradado, relatam moradores da capital. A antiga sede do Diário de Pernambuco - que deveria se transformar num museu - está destruída. Por ali batia ponto o fundador Assis Chateaubriand. Nas ruas do entorno, pedintes de várias nacionalidades: venezuelanos, colombianos, equatorianos e brasileiros.

Termômetro

■ A Mobills, startup de gestão de finanças pessoais, constatou que os gastos com supermercado aumentaram 28% entre março e dezembro, analisando operações de 42 mil usuários do app. O ticket médio de dezembro foi de R\$ 343,98.

ESPLANADEIRA

■ **#Calzoon** Sucos e Calzones inaugura 22 franquias até abril em todas as regiões do. **#Shoptime** aderiu à campanha #RespiraXingu, para ajudar a região a enfrentar a pandemia da Covid-19. **#A Direcional** Engenharia completa 40 anos com recorde de lançamentos e de vendas, com R\$ 697 milhões faturados apenas no 4º trimestre de 2020. **#O cantor** e produtor Richard Martin lança em março o novo single “Even the Rain”.

Publicada diariamente em 51 jornais de 25 estados, em capitais e interior
Com Equipe DF, SP e PE/ reportagem@colunaesplanada.com.br. Twitter @colunaesplanada / Facebook : Coluna Esplanada. Leia mais em **odia.com.br**

OPINIÃO

CRÔNICAS E ARTIGOS

Pensando fora da caixa



André Esteves
Diretor do Instituto
Cyclus e professor
universitário

As diversas transformações impostas pela pandemia ao mercado de trabalho exigiram uma agilidade fundamental na capacidade de adaptação às mudanças, bem como na necessidade de se reinventar. Primeiro, por uma questão de sobrevivência imediata. Em seguida, para permanecer sustentável e competitivo neste contexto. Isso vale tanto para as organizações quanto para os colaboradores. Essa nova dinâmica organizacional revela competências e habilidades indispensáveis.

Às vésperas de completar um ano, talvez a mais longa fase de mudanças contínuas experimentadas pelas empresas no século XXI, ainda é impossível ver a luz no fim do túnel. Ou seja, ainda permaneceremos em transição por um bom período. E o que isso quer dizer exatamente? Simples. Que elas continuarão ocorrendo e que o nível de competitividade continuará crescendo. Seguiremos testando opções e recursos de forma permanente. A questão essencial é como manter a relevância diante deste cenário, conciliando metas, objetivos e propósitos.

Diante da certeza de que essas transformações serão cada vez mais rápidas, é necessário que a sociedade se abra, criando e aceitando as novas dinâmicas de trabalho e estimulando o desenvolvimento das competências para a evolução das organizações e dos profissionais. As empresas, por sua vez, precisam priorizar a inovação, valorizar o ambiente colaborativo, rever seus paradigmas, incentivar a inclusão e a diversidade e manter boa reputação interna e externa. Pesquisa recente, realizada pela FRST Falconi, revela que apenas 44% das empresas se sentem prontas para o futuro mercado de trabalho. Temos um longo caminho a percorrer.



ARTE PAULO MÁRCIO

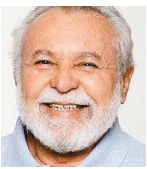
Quando aos profissionais, a empregabilidade continua sendo um desafio extra. É fundamental refletir e ampliar as opções de carreira em linha com seus propósitos de vida, fomentando o desenvolvimento de outras habilidades. A pesquisa identificou as principais competências desejadas pelos profissionais: inteligência emocional; liderança; capacidade de solucionar problemas complexos, de colaboração e de inovação; além da flexibilidade cognitiva, a famosa capacidade de “pensar fora da caixa”.

O atual ecossistema profissional prioriza as qualidades essencialmente humanas. Segundo o relatório Future of Jobs 2020, do Fórum Econô-

mico Mundial, “metade de todos os trabalhadores do mundo precisará de requalificação até 2025. Entre as quinze habilidades mais requisitadas pelo mercado de trabalho do futuro, estão competências técnicas, como programação e experiência de usuário, e habilidades socioemocionais, como criatividade, pensamento analítico e inteligência emocional”.

Isto significa ao mesmo tempo um desafio, devido à crise econômica causada pela pandemia, que reduz a capacidade de investimento das empresas em capacitação; e uma oportunidade porque coloca um nível de prioridade nunca visto em relação à requalificação da equipe.

Quem sai à rua para trabalhar?



Eliomar Coelho
Dep. est. PSOL-RJ e
presidiu a CPI dos
Transportes

Quem recebe até dois salários mínimos faz parte dos 52,4% dos trabalhadores que circulam pelos modais de transporte no Rio. Esse percentual pula para 80% no trem. Os dados são do Plano Diretor de Transportes Urbanos de 2015. Agora, imagine 2020 e 2021, em meio à pandemia, com muita gente em casa, em trabalho remoto. Quem sai à rua para trabalhar?

Em grande número, pessoas com relações de trabalho precárias, sem trabalho formal e, agora, sem uma renda básica de sobrevivência, extinta pelo governo federal. Uma multidão de usuários dos transportes que já sofre o impacto de ajustes recentes de tarifas, como o das barcas. Nos trens, teriam que arcar com um aumento brutal de 25% (IGP-M) nos gastos diários com passagens, autorizado por órgão do estado em 28 de dezembro.

Um aumento absurdo e que não havia a menor condição de ser banca-

do pela parcela mais pobre da população. Injustificável porque os itens que compõem o IGP-M e sofreram com a alta (especulativa) histórica do período não guardam relação alguma com os usados na operação e manutenção dos serviços de transporte operados pela Supervia.

Graças à mobilização popular, o reajuste das tarifas dos trens foi reavaliado. Mas, além de uma decisão pontual, o governo precisa assumir e organizar seu sistema de transportes daqui para frente, que segue sob o comando de agentes privados. Esses não vão se furtar a exigir compensações financeiras enormes para a aplicação de uma tarifa mais adequada, ou jogar todo o custo para o Estado. Aliás, como sempre fizeram.

Na CPI dos Transportes que presidi na Alerj, ficou evidente a ausência de planejamento e coordenação entre os vários órgãos. O relatório final aponta diversos descumprimentos dos operadores (os de sempre, há décadas) na entrega de serviços e investimentos. É preciso sempre lembrar: os mesmos empresários que operam os serviços também controlam toda a máquina da bilhe-

tagem. E a tarifa continua do jeito que está, nas alturas.

Na decisão de agora, de aplicar nova tarifa dos trens, Agetransp (que autorizou o primeiro valor) e secretaria não se falaram. Se a secretaria não tem condições de negociar previamente com o concessionário, das duas uma: ou falta organização ou há muita pressão por parte dos empresários de transporte.

Um transporte público de qualidade é aquele que respeita a vida. Mas não é o que temos visto. Pelo contrário, houve redução das linhas que passam pelas cidades e pelos bairros, nas barcas e trens. Nos ônibus da cidade do Rio, não é de hoje que as linhas somem sem aviso prévio. Durante a pandemia não foi diferente, diversas foram as reclamações de sumiços, também nas linhas intermunicipais.

Falta fiscalização, mas falta direção, uma secretaria que retome o controle público da gestão e planejamento dos transportes. E que defenda uma tarifa justa, e não o descontrole de recursos públicos em favor dos empresários ou que atente sobre o bolso dos mais pobres.

O DIA

DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600/2222-8650/2222-8651

EDITOR-CHEFE
Aloy Jupiara

EDITOR-EXECUTIVO
Bruno Ferreira

DEPARTAMENTOS:
Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br. Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265
Fax Diretoria: 2507-1038

Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfca. Gerência Industrial: 3891-6002. Gerência de Circulação e Logística: 3891-6005
Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações : Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfca, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313
Brasília: Tel: (61) 9920-91891.

Promoções: promocoess@odia.com.br
Classificados: Tel: 2532-5000 / WhatsApp: 98762-8279 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de

classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8191 / 2222-8631 / 2222-8388. Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388 Outros estados: 2222-8279- De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

Editora O DIA LTDA. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfca - Rio de Janeiro - RJ.

ODIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).